

O nosso cérebro é normalmente entendido como a ferramenta que possuímos que mais nos distingue de outros animais. Somos sempre advertidos de que a sua boa manutenção e exercício nos garantirá sucesso. Contudo, outros animais são igualmente dotados, através de complexos processos evolucionais, com químicos e hormonas que ditam o seu comportamento e sobrevivência.

Foi demonstrado que o estorninho europeu (*Sturnus vulgaris*) é um pássaro inerentemente otimista. Num estudo, estes pássaros foram ensinados a associar um sinal sonoro curto com uma recompensa em alimento imediata e um sinal sonoro mais longo com uma recompensa retardada. Quando confrontados com um estímulo indeterminado, os níveis elevados de dopamina impulsionaram a maioria dos pássaros a tomar uma decisão otimista de recompensa imediata. Dopamina é produzida quando há expectativa de recompensa: quando um macaco vê uma fruta numa árvore, quando recebemos uma notificação do WhatsApp, ou quando um estorninho otimista responde a um estímulo indeterminado.

## WHAT'S FOR DINNER? HUGO BRAZÃO

24.03.22 a 22.05.22

**BALCONY**  
CONTEMPORARY  
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A  
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866  
M (+351) 969 847 655  
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt  
www.balcony.pt

Uma região do córtex cerebral das orcas (*Orcinus orca*), o lobo da ínsula, é muito mais elaborado e complexo quando comparado a outros animais. Esta é a parte do cérebro que processa empatia afetiva e que através da libertação de Oxitocina, alimenta outras emoções sociais como confiança, generosidade ou afeto assim como a ligação entre emoções e sentimentos abstratos, memória, aprendizagem ou autobiografia. Isto leva-nos a crer que as orcas processam estes sentimentos de uma forma que vai para além da perceção primata. Um exemplo que talvez conseguimos compreender, e que demonstra as suas aptidões sociais, é a forma como partilham o alimento quando há escassez de recursos. Nestas situações, em vez de sacrificar um individuo para o bem coletivo, as orcas escolhem que o baleal passe fome coletivamente.

A serotonina é um neurotransmissor que regula o humor e que é maioritariamente encontrado no sistema nervoso entérico, localizado no tubo gastrointestinal. Contraintuitivamente, a abelha-comum (*Apis mellifera*) apresenta níveis elevados de serotonina quando é mais propensa a picar. Estes elevados níveis são também transportados para o mel que produzem, sendo que a sua ingestão talvez ajude a compensar a prostração subsequente a uma refeição que ansiávamos, depois de passado o entusiasmo causado anteriormente pela dopamina.

Quando hibernam, os ursos-pardos (*Ursus arctos*) produzem endorfinas que restringem o metabolismo das suas células e reduzem a quantidade de oxigénio necessária para a sua sobrevivência. Isto permite-lhes reduzir o suprimento sanguíneo do cérebro e órgãos internos sem os danificar, para que consigam conservar as suas preciosas reservas de gordura para a hibernação. Quando libertadas, as endorfinas criam um efeito de dormência em casos extremos de sobrevivência. A sensação de euforia depois de uma ida ao ginásio também anestesia a dor após o exercício físico, embora isso não faça com que tenhamos o impulso de hibernar.

Esta exposição examina estes químicos a partir de um ponto de vista que não é exclusivamente antropocêntrico e, ao ir buscar referências a diagramas e gráficos científicos, tenta proporcionar uma forma mitopoética às suas mecânicas microscópicas e reposicionar as suas concessões mais comuns.

No contexto neoliberalista pós-industrial, a pressão para atingirmos um estado definitivo de 'bem-estar' através da gestão da dualidade entre o nosso corpo e a nossa mente através de exercício físico, *mindfulness*, e outras atividades monetarizadas, tem-se tornado inescapável.

A nossa abordagem narcisística coloca o ónus dos problemas globais nos nossos ombros: quando não conseguimos individualmente confrontar o inevitável cancelamento do nosso futuro causado pelas alterações climáticas ou desigualdades socioeconómicas, aquilo que podemos fazer é gerir de forma imediata a nossa reação perante isso.

Não é pouco comum que, após um grande almoço comemorativo, alguém sentado à mesa pergunte "o que é que vamos comer ao jantar?".

... ou então vamos reformular esta frase.

Não é pouco comum que após uma grande libertação de oxitocina comemorativa, antecedida por um tumulto de dopamina, e seguido de uma prostração causada pela falta de serotonina e uma urgência de hibernar pela libertação de endorfina, haja um ciclo que se completa quando a dopamina é de novo libertada e, com a nossa tendência a ver um futuro promissor, alguém pergunte "o que é que vamos comer ao jantar?". A urgência política para realinhar estes termos químicos com a sua conotação com um ecossistema e que vai para além do individual, torna-se assim uma imposição hormonal para a nossa sobrevivência coletiva.

## WHAT'S FOR DINNER? HUGO BRAZÃO

24.03.22 a 22.05.22

**BALCONY**  
CONTEMPORARY  
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A  
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866  
M (+351) 969 847 655  
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt  
www.balcony.pt

Our brains are often labelled as one of the most important tools that distinguish us from other animals. We are instructed that knowing how to maintain and wield this powerful organ will guarantee us success. However, animals across the genera are similarly endowed, through complex evolutionary processes, with chemicals and hormones that dictate their behaviour and survival.

European starlings (*Sturnus vulgaris*) have been shown to be inherently optimistic. In one study, they were taught to associate a short auditory tone with an immediate food reward and a longer tone with a delayed food reward. When presented with a medium length auditory tone, the majority of birds displayed behaviour indicative of an immediate reward. Faced with an indeterminate stimulus, their increased dopamine levels propelled them optimistically towards the better option. Dopamine is produced when there is an expectation for reward: the monkey sighting a fruit in the tree, a Whatsapp notification, or the starlings's optimistic response to an indeterminate stimulus.

Orca (*Orcinus orca*) brains have a more elaborated and complex insular cortex compared to other animals. This part of the brain processes affective empathy and nurtures other social emotions such as bonding, love, trust or generosity through its release of oxytocin and connecting of emotional and abstract feeling, memory, learning and autobiography. For this reason, it's believed that orcas process these feelings in ways beyond primate understanding. One example that we might understand, and that shows their sociality is their sharing of food to such a degree that they prefer the pod to collectively starve rather than sacrifice one individual for the collective good.

Serotonin is a neurotransmitter that regulates mood and is mostly found in the enteric nervous system within the gastrointestinal tract. Counterintuitively, honey bees (*Apis mellifera*) that are more likely to sting have higher levels of serotonin. These high levels are also transported to the honey they produce and maybe ingesting some can help us compensate for the dopamine crush after a meal we yearned for.

When brown bears (*Ursus arctos*) hibernate, their bodies produce endorphins to curb cell metabolism and reduce their need for oxygen. This in turn allows them to reduce the blood supply to their internal organs and brain without damaging them, so they can conserve precious fat reserves for hibernation. Endorphins are released to create a numbing effect to pain in extreme cases of survival. That euphoric feeling after the gym likewise numbs the pain after physical exercise, albeit without the impulse to hibernate.

This exhibition examines these chemicals through a lens that is not exclusively anthropocentric and, by taking inspiration from scientific diagrams and graphics, it attempts to give a mythopoetic shape to their microscopic mechanics and reposition popular conceptions of them.

## WHAT'S FOR DINNER? HUGO BRAZÃO

24.03.22 to 22.05.22

**BALCONY**  
CONTEMPORARY  
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A  
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866  
M (+351) 969 847 655  
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt  
www.balcony.pt

Within post-industrial neoliberalism, the pressure to achieve 'wellness' by managing the mind-body duality through exercise, mindfulness, and other monetarised activities, has become inescapable. Its narcissistic approach places the onus of global problems upon our shoulders: while we cannot singularly confront the cancellation of our future due to climate change, socio-economic inequality, and alike, we are taught to micromanage our reactions to them.

It's not uncommon that after a celebratory lunch someone sitting on the table, even though they have just eaten, will ask: "what are we having for dinner?".

.... let's rephrase this.

It's not uncommon that after a celebratory oxytocin release, pre-dated by a dopamine rush, followed by a dip in the mood due a serotonin lack and an endorphin release that induces a need to hibernate, a cycle is completed when dopamine is released again. With our desire for an optimistic future to aggregate our micromanaged reactions, someone will ask: "what's for dinner?". The urgent political need to realign these buzzword chemicals towards a commitment to the flourishing and feeding of the expansive network of genera, becomes a hormonal dictate for our collective survival.

## WHAT'S FOR DINNER? HUGO BRAZÃO

24.03.22 to 22.05.22

**BALCONY**  
CONTEMPORARY  
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A  
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866  
M (+351) 969 847 655  
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt  
www.balcony.pt